

Introdução

Os leitores que me conhecem sabem que, de longa data, eu sou um apaixonado pela linguística em geral, e pela formação etimológica das palavras, em particular. Reconheço que nos primeiros tempos a minha inclinação para estudar a origem e a formação das palavras era motivada unicamente por uma (sadia) curiosidade e como um *hobby*, ou seja, como uma saborosa forma de brincar com as palavras nas horas de lazer.

Entretanto, gradativamente fui descobrindo que, associado ao prazer lúdico, a etimologia tem um alcance muito maior, a começar pelo fato de que nos permite observar, conhecer e reconhecer a evolução histórica das palavras, no que se refere às transformações que acompanham a evolução da humanidade, com as mudanças culturais e, conseqüentemente, com as mudanças dos significados que emanam dos vocábulos.

Ademais, o estudo da formação das palavras que enunciam complexas conceituações possibilita um melhor entendimento dos autênticos significantes e significados daquilo que pareciam ser meras palavras soltas. Em síntese, cabe a afirmativa de que o domínio e o prazer de conviver mais de perto com a etimologia exigem não mais do que dois pontos fundamentais: uma sadia *curiosidade* e um autêntico *interesse*. Aliás, sem essas duas condições não pode haver ciência, nem progressos, assertiva que vale para todas as demais áreas relativas às descobertas.

Passo a elencar alguns pontos que, creio, cabe enfatizar.

Penso que não é um exagero a afirmativa de que, no fundo, a etimologia não se restringe à história de palavras, mas, sim, ela faz parte da história da humanidade e, seguidamente, até mesmo da história de evolução qualitativa da vida dos indivíduos, em sucessivas gerações.

Nem sempre as palavras-chave que referem o verdadeiro significado de importantes conceituações estão explicitadas em modernos e excelentes dicionários do nosso léxico e tampouco em dicionários etimológicos. Na verdade, creio que as pesquisas etimológicas em dicionários, quase sempre são frustrantes, visto que não passam de uma superficialidade, com colocações óbvias, parciais e fragmentadas. Igualmente enfadonha e desinteressante é a consulta em dicionários

etimológicos que fazem um estudo das palavras de uma forma excessivamente erudita, com longos detalhes quase sempre desnecessários para a nossa prática cotidiana. Já os “dicionários etimológicos” dirigidos ao grande público, não obstante possam ser interessantes e de leitura agradável, pecam pelo excesso de criações imaginativas quanto à origem das palavras, muitas vezes, muito longe de um rigor científico.

Outra cautela que o leitor deve manter é que, não raramente, um determinado autor decide dar um palpite pessoal (“às vezes, de um teor ridículo”) quanto a uma hipotética formação de uma palavra interessante, com vistas a agradar o público interessado, de modo que é comum que um outro autor “etimologista” copie como se fosse um achado verdadeiro, e pode acontecer que se forme uma corrente, validando aquilo que não passa de uma criação particular. Como decorrência disso, é muito comum que uma palavra tenha uma certa formação e significação em um livro bastante distinta daquela atribuída à mesma palavra em outro livro de um autor diferente.

Essa carência literária de uma etimologia mais séria, com uma dinâmica psíquica e com a evolução dos significados, pode funcionar como um desafio para pesquisarmos a possível origem de determinada palavra, por que e para que a existência dela.

Vou exemplificar com uma experiência particular. Na década de 1980, com o fim de alcançar a condição de Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA), era (e ainda é) necessário produzir um trabalho psicanalítico original e submetê-lo à Comissão do Instituto de Ensino da SPPA. Uma vez aprovado, o referido trabalho é apresentado, debatido e avaliado por uma Assembleia Geral com todos os participantes da Instituição. O tema que eu escolhi foi *A Resistência e Contrarresistência na Prática Psicanalítica*.

Como faço habitualmente, eu queria sustentar o texto a partir do significado etimológico da palavra “resistência” porque, ao contrário do significado clássico, na época, de que o surgimento da resistência no andamento de uma análise seria prejudicial, pois obstruiria a passagem para o consciente daquilo que estava reprimido no inconsciente, eu pensava que a resistência poderia ter um significado bastante positivo para a compreensão e evolução do tratamento analítico de qualquer paciente. Procurei o vocábulo “resistência” em inúmeros dicionários e vocabulários etimológicos ao meu alcance. Porém, para minha frustração, além do significado corriqueiro, nenhum deles saciou a minha sede de compreender como se formou o vocábulo “resistência” e com qual significado.

Decidi, então, partir para uma pesquisa. O prefixo “re” eu já conhecia e sabia que significava “de novo”, “mais uma vez” (como em “refazer”, “reformar”, etc.), porém “sistência” não me dizia nada, até que tive a feliz ideia de procurar em meu

dicionário de latim a possibilidade de existir o verbo *sistere*, ou algo análogo, e na página 299 do *Pequeno Dicionário Escolar Latino-Português*, da Editora Globo, de 1960 – 14ª edição –, encontrei a solução para o que eu procurava: *Sistere* significa “continuar a existir”. Senti que essa etimologia dava um excelente respaldo à minha tese de que o paciente *resiste* para não sofrer as mesmas humilhações, decepções e sentimentos afins que sofreu num passado remoto; ou seja, a resistência estava a serviço da pulsão de vida. Assim, escrevi no meu texto: “enquanto houver *resistência* do paciente na análise, há vida; o funesto seria um estado de *desistência* (palavra formada pelo prefixo “de”, que sugere “privação de”, e pelo sufixo “sistência”, formando a palavra “desistência”, que significa “o sujeito se priva do direito de ser, de existir”).

Repare o leitor que uma pequena variação nos étimos que compõem uma mesma palavra produz inúmeros significados distintos. Assim, se na palavra “resistência” trocarmos o prefixo “re” (“mais uma vez”, tentando viver com dignidade) pelo prefixo “de”, teremos o vocábulo “desistência” (a pessoa, nessa condição, acha que não vale a pena viver e, por isso, mantém um cerrado namoro com a morte). No entanto, se trocarmos os prefixos “re” e “de” por “ex”, teremos a palavra “existência”, ou seja, o direito de viver para fora (“ex”), a vida real, e não, simplesmente, conseguir sobreviver, sendo que essa conquista – a de, realmente, desejar “SER” – é o maior objetivo de uma análise. Se continuássemos trocando aqueles prefixos por “in” ou por “per”, formaríamos os vocábulos “insistência” ou “persistência”, e assim por diante.

No referido trabalho que apresentei na SPPA, tracei uma analogia da sábia “resistência analítica” que se processa num tratamento psicanalítico, com a, igualmente sábia, “resistência francesa”, capitaneada pelo general De Gaulle, no curso da Segunda Guerra Mundial, como tendo sido uma gloriosa luta pela vida contra o terrível inimigo provindo das tropas nazistas. Da mesma forma, acrescentei outra metáfora: a da “resistência” que faz parte de uma lâmpada, cujo filamento se incandesce (dá luz, logo, vida) quando uma corrente elétrica o percorre.

Um outro exemplo pessoal. Recentemente, publiquei o livro *Os Quatro Vínculos: Amor, Ódio, Conhecimento e Reconhecimento*. Na escrita do capítulo referente ao vínculo do amor, tentei encontrar a etimologia dessa palavra tão cantada e decantada em todos os tempos, idiomas e lugares do mundo, e nada encontrei, além de superficialidades. Inspirado em Freud, que sempre enfatizou que as pulsões de amor e o de ódio estão sempre, de alguma forma, fundidas, experimentei partir do étimo latino *mors*, e seu genitivo *mortis* (designa morte), acrescentando o prefixo “a”, que significa uma exclusão; isto é, amor seria “mors”, acrescido do prefixo “a”, de modo que, sem o “a”, a palavra morte (*mors*) transforma-se no seu oposto, ou seja, é “a-mors” = “sem a predominância da morte”, portanto, como

equivalente de “vida”. Alguns meses após, encontrei num “sebo” um dicionário etimológico em que consta o verbete “amor” com uma colocação praticamente igual à que aqui expus.

Talvez sejam as referidas falhas antes mencionadas as maiores responsáveis pelo fato de que uma matéria tão complexa, porém deveras interessante e extremamente útil, ainda que não tenha merecido uma acolhida mais entusiástica por parte das editoras e tampouco de autores reconhecidamente capazes, cuja consequência mais marcante resulta num pequeno contingente de leitores realmente interessados em consultas, estudos sérios e bastante proveitosos da ciência etimológica. Neste particular, faço questão de louvar publicamente a sensibilidade da minha editora Artmed, em reconhecer a importância de publicar uma etimologia dirigida principalmente para o respeitável contingente de leitores que pertencem à área “Psi”.

Neste livro que o leitor tem em mãos, temeroso de que eu possa cometer os mesmos erros antes assinalados, apesar de todos os cuidados que eu costumo adotar, entendi ser útil fazer uns acréscimos que propiciem ao leitor acompanhar-me mais de perto. Assim, se eu aventar uma hipótese etimológica que não conste na literatura corrente, sinalizarei, em negrito, antes da palavra em foco, as minhas iniciais **dz**, para deixar claro que assumo a responsabilidade por um possível erro de apreciação que eu tenha cometido.

Pela mesma razão, decidi tomar algumas providências, tais como: relacionar uma lista dos principais prefixos, sufixos e preposições, gregos ou latinos, que poderão ajudar no entendimento da formação original das palavras. Outra medida que achei ser útil consiste em expor, embora de forma breve, alguns dos princípios básicos da ciência da linguística, em seus múltiplos aspectos.

Da mesma forma, adiciono algumas palavras que comumente pertencem à área da linguística, com o objetivo de uniformizarmos os significados das referidas palavras, que seguirão mais adiante.

A inclusão de algumas “dicas” práticas talvez propicie uma maior rapidez e eficiência na descoberta da formação das palavras simples ou compostas, pela junção de étimos diferentes, às vezes provindos de raízes de distintos idiomas, como, por exemplo, um prefixo grego com um sufixo latino, produzindo um termo **híbrido** (vide esse último vocábulo no verbete que aparece no vocabulário deste livro).

O presente livro ficará restrito quase unicamente a termos próprios da teoria, da técnica e da psicopatologia da psicanálise. Porém, é necessário esclarecer que não existe uma pretensão de abarcar um léxico ou dicionário completo, tampouco um vocabulário que cubra todas as palavras que, de forma direta ou indireta, tenham alguma ligação com a psicanálise. Deste modo, certamente muitos

termos, aqueles não muito correntes, não aparecerão na lista geral dos verbetes. Em contrapartida, constarão outras palavras cuja conotação com a psicanálise não é direta, mas, sim, indireta, como, por exemplo, as palavras **candidato, aluno, seminário**, etc., porque aludem aos candidatos em formação de psicanalista.

Com frequência, muitos verbetes do vocabulário etimológico serão seguidos de uma **Nota** na qual serão feitos alguns comentários de natureza psicanalítica. Este último aspecto constitui-se como o grande diferencial dos demais dicionários e vocabulários etimológicos.

O estilo que escolhi para produzir este livro segue o que adotei nos 11 livros anteriores, ou seja, procuro dar um caráter didático, simplificar sem mediocritizar ou perder a profundidade e o rigor científico. Para tanto, sigo uma máxima de Winston Churchill, célebre primeiro-ministro e comandante da Inglaterra na Segunda Grande Guerra Mundial, a qual li há longas décadas, mas nunca mais esqueci. A frase dele, à qual me refiro, em relação ao emprego das palavras num determinado escrito, e que sempre estou tentando cumprir, é a seguinte: “Das palavras, as mais simples, das mais simples, a menor”.

Ainda em relação ao estilo na composição desse livro, reconheço que falta uma padronização. Alguns verbetes, por exemplo, não passam de poucas linhas, enquanto outros ocupam um largo espaço. Vou tentar explicar o porquê disto: alguns verbetes que aparecem num novo parágrafo sofreram, ao longo das décadas de evolução da psicanálise tantas mudanças de significações, de acréscimos ou de cortes, que merecem algumas reflexões do ponto de vista da psicanálise contemporânea.

Da mesma forma como esclareci antes, o fato de que o negrito **dz** alerta o leitor de que a responsabilidade do entendimento etimológico de certos verbetes, assim como as considerações que compõem as diversas **Notas**, também são de minha responsabilidade.

Confesso que fiquei em dúvida quanto à possibilidade de restringir este livro a, unicamente, selecionar palavras e expressões que mereçam um esclarecimento das suas etimologias ou se faria uma introdução referente aos princípios básicos da linguística, correndo o risco de que inúmeros leitores fiquem entediados com uma ciência que não é de nosso cotidiano, sem uma objetiva aplicação prática. Optei pela segunda possibilidade, partindo do raciocínio de que o leitor, é óbvio, terá a sensatez de tomar a livre opção de ler, sem prejudicar a etimologia das palavras consultadas.

Para concluir esta Introdução, entendo ser útil lembrar que os autores de qualquer livro mais sério são responsáveis pelo que pensam, dizem e escrevem, porém não se responsabilizam pelos inevitáveis e polimorfos significados que cada leitor dá ao contexto do autor.

Alguns informes sobre linguística

Todo ser humano, por sua natureza, é um curioso. Sempre se interessou pelos fenômenos em geral, como os da criação do universo, do homem, da mulher, dos seres vivos, da vida e da morte e, também, da formação das palavras. Essa última se constitui na Etimologia, a qual é conceituada como parte da Linguística, que trata da origem da história evolutiva das palavras.

Muitos me perguntam: “Qual é a etimologia da palavra etimologia?” Ela provém do grego *étymos* (que significa “verdadeiro”) + *logos* (radical grego que quer dizer “palavra”, mas que também dá lugar a numerosas formações que indicam “estudo” ou “ciência”). Assim, etimologia significa o “verdadeiro sentido de uma determinada palavra”, ou um aprofundado estudo sobre a origem e as transformações dos léxicos das inúmeras nações de todo o mundo.

Na verdade, a etimologia de palavras tanto pode ser inventada por “etimologistas” quanto pode proceder de profundos estudos realizados por linguistas, por meio de pesquisas de natureza rigorosamente científica.

Até o século XVIII, a etimologia ainda não tinha fundamento científico confiável. A partir do século XIX, *filólogos* (esta palavra procede dos étimos gregos *philos*, que quer dizer “amigo de”, + *logos*) alemães descobriram as relações existentes entre palavras das línguas românicas, dentre elas o latim, de modo que a etimologia começou a adquirir o *status* de ciência.

Assim, por exemplo, foi constatado que palavras latinas sofriam alterações para entrar na língua portuguesa, na língua francesa ou na língua espanhola, com as devidas alterações em cada uma delas. Exemplo: as palavras latinas que se iniciam com “pl”, evoluem para “ch” em português e para “ll” em espanhol, como ocorre com o verbo latino *plicare*, que se transformou em *chegar*, em português, e em *llegar* em espanhol.

CONCEITUAÇÃO DE LINGUÍSTICA

A ciência Linguística se refere às pesquisas acerca da estrutura e evolução da linguagem, de modo a descrever os idiomas no que tange à sua história e classificação. Existem diferentes formas de classificação das linguagens. Por exemplo, do ponto de vista *genealógico*, classificaríamos as línguas por suas famílias e raízes. Assim, distinguiríamos a família indo-europeia, semítica, árabe, etc. Do ponto de vista *geográfico*, destacaríamos os continentes Europa, África, Ásia, América, Oceania, com as respectivas particularidades específicas de cada um dos inúmeros países que os compõem.

Em resumo, Linguística é a ciência que trata da linguagem, especialmente da linguagem articulada, escrita ou verbalizada, como um meio de apreciação de ideias, de sentimentos e, sobretudo, a serviço da Comunicação entre indivíduos, grupos, comunidades e nações.

O que, realmente, merece destaque é o fato de que a aquisição da linguagem é considerada como o maior dom das faculdades humanas, visto que ela permite um alto nível de comunicação e, também, se constitui como o maior diferencial do homem em relação ao restante dos seres do reino animal.

RAÍZES E FAMÍLIAS DAS PALAVRAS

Creio que uma metáfora pode ilustrar melhor a função e a natureza da etimologia quando ela é levada a sério. Assim, é útil fazer uma analogia com a *arqueologia* (a “des-coberta” de antigas raízes da civilização moderna), ou uma analogia com a transgeracionalidade das famílias, isto é: o estudo da etimologia das palavras equivale a de uma pesquisa da genealogia de famílias. Destarte, a partir de uma determinada família humana que, ao longo de sucessivas novas gerações, os sobrenomes vão se modificando, porém, mantêm vestígios do passado.

Do mesmo modo, as raízes etimológicas de palavras se ramificam, de forma que nem sempre são claras e visíveis; pelo contrário, inúmeras vezes elas ficam obscuras e com significados bastante diferentes entre si.

É evidente que a Linguística conta com matéria de outras áreas humanas, como a antropologia (em grego, *antropos* + *logos*), que é o estudo científico do homem quanto à sua origem, evolução, caracteres, etc.; a cartografia (coleção de

mapas geográficos); bem como a filologia, a geografia, a história, a psicologia, a arte, a sociologia e a arquitetura.

A PROVÁVEL ORIGEM DA LINGUAGEM HUMANA

Pesquisas calculam que o homem primitivo passou a ser denominado *Homo sapiens*, quando, há cerca de 5.000 anos, ele atingiu as condições mínimas necessárias para a capacidade de cognição e os cinco fatores básicos para a obtenção da linguagem verbal. Estes fatores são:

1. maior volume do cérebro;
2. amadurecimento da estrutura do sistema neural;
3. atingimento da condição de bípede, assim podendo manter-se de pé, ereto;
4. certas alterações do aparelho fonador, vocal;
5. ocorrência de um significativo avanço na capacidade cognitiva, no sentido de *conhecer* os fenômenos da natureza, entre tantas outras aquisições de capacidades mentais.

Os referidos cientistas também aventam a hipótese de que parte dessas alterações já existiam no *Homo erectus* há cerca de 500.000 anos e foram os primeiros pré-requisitos para a obtenção da capacidade da fala. A maioria dos linguistas acredita que essa nobre capacidade de falar (que se constitui na maior diferença entre o ser humano e o animal) só tenha surgido há cerca de 100.000 anos. (Cunha, 2010).

As teorias que estudam a “fonologia” (estudo da emissão dos sons da linguagem) afirmam que a linguagem evoluiu a partir de uma sequência de grunhidos, gritos instintivos que exprimem sensações primitivas, como dor, alegria, medo, susto, excitação, ansiedade, etc.

Acredita-se que a fonologia ganhou uma melhor qualidade à medida que no hemisfério esquerdo do cérebro foram se formando regiões especializadas em áreas do córtex cerebral. Estas regiões estabeleceram a comunicação entre as áreas acústica, motora e conceitual do cérebro. Nas comunidades primitivas, as primeiras expressões verbais relacionavam os nomes com os objetos, assim estabelecendo os primórdios da *Semântica*, ou seja, palavras e frases com *significados*.